

**DESTAQUES DO PORTAL A TARDE**



Marcelo Camargo | Agência Brasil

Dois aviões da FAB chegam a Manaus com itens de saúde  
<http://coronavirus.atarde.com.br>

STF forma maioria contra restringir doação de sangue por gays  
[atarde.com.br/politica](http://atarde.com.br/politica)

[www.atarde.com.br](http://www.atarde.com.br)  
 71 3340-8991 (Cidadão Repórter)  
 71 99601-0020 (WhatsApp)

# EDITORIAL Monumento à humanidade

O Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, comemorado hoje, é uma Data Magna da humanidade, na qual erige-se, cimentado pela boa vontade, monumento simbólico às virtudes do conhecimento, da coragem, da prudência e da justiça. A edificação destes quatro valores, basilares para o melhor convívio, tem como pedra fundamental a liberdade de informação: parte indissociável do direito humano à expressão, cuja sementeira se faz pela Imprensa, a cada notícia, reportagem ou artigo.

Neste diapasão, afina-se a cítara, na

confiável melodia da informação confirmada e no texto escrito com base nos princípios de objetividade, concisão, clareza, simplicidade e precisão, ingredientes da receita de uma imprensa intencionada no sumo bem.

*Aos 107 anos, tendo cumprido o dever de publicar verdades a quem verdades procura, A TARDE defende o brasão da Imprensa*

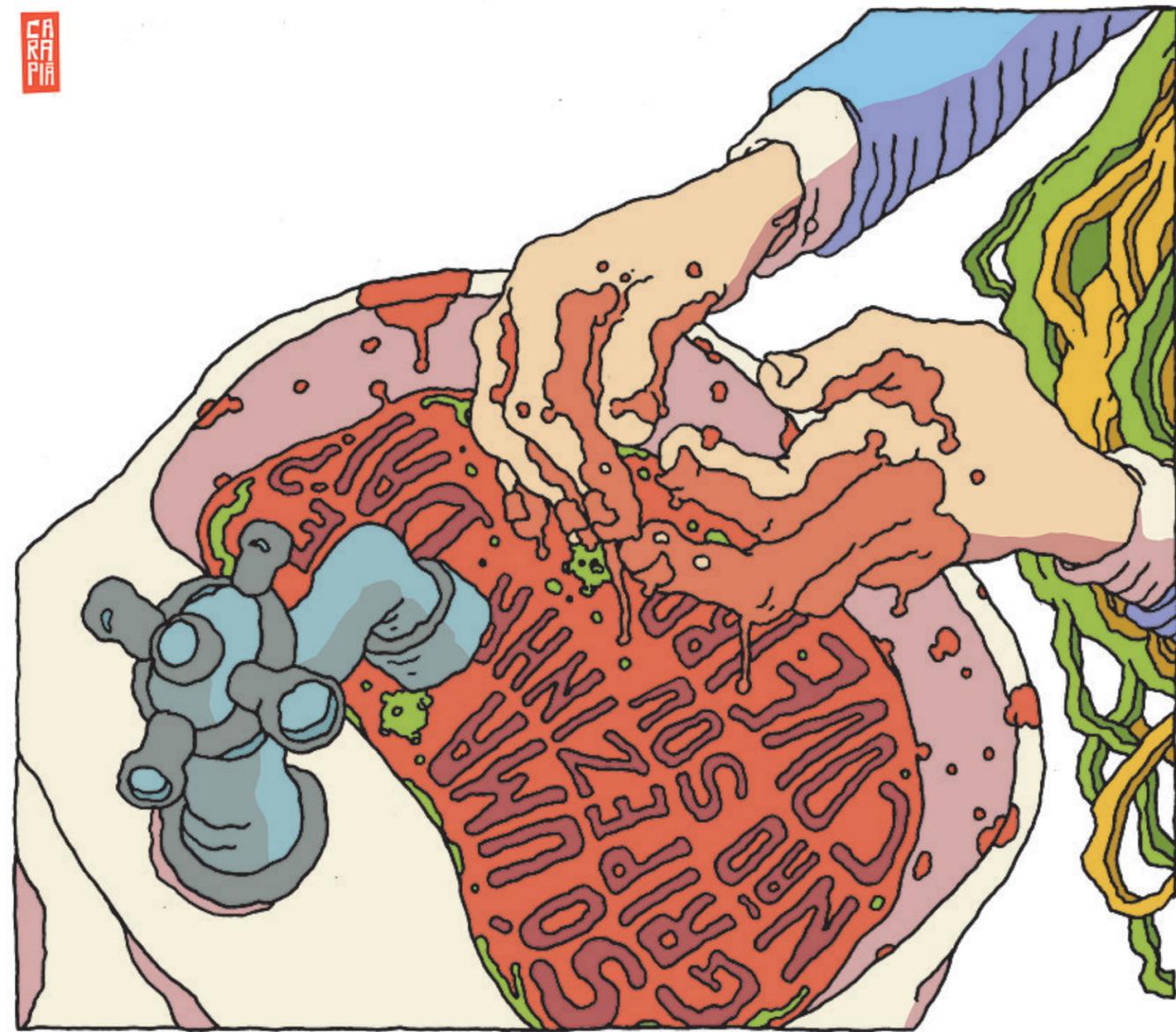
Aos seus 107 anos, tendo cumprido o dever de publicar verdades a quem verdades procura, A TARDE defende o brasão da Imprensa, ao conceder voz aos variados segmentos, mesmo os antagônicos ou dissonantes da proposta plural da democracia.

A confiabilidade, sustentada pelas evidências apuradas por suas gerações de jornalistas, tem sido nestas décadas a preocupação de quem ocupa os poderes públicos, com interesses privados. O compromisso em vigiar os subterrâneos mescla-se ao aprofundamento dos debates sem os quais não teria substância de so-

cidade o adensamento populacional onde dá-se a ereção diária do venerando veículo.

Não vergará A TARDE jamais seu tronco rijo ao despotismo de piratas ocasionais, pois seu caráter é forjado na liça diária em defesa de direitos fundamentais, no fomento à transparência, à justiça e ao desenvolvimento, além de puro amor à democracia. Hoje é dia, caro leitor, de oferecermos uma prece ou um bom pensamento de gratidão aos perseguidos, aos exilados, aos presos, aos sequestrados, aos assassinados, por exercerem o sagrado dever de bem informar.

## TÚLIO CARAPIÁ



## Viroses x cidade

**Lourenço Mueller**

Arquiteto e urbanista  
[muellercosta@gmail.com](mailto:muellercosta@gmail.com)

O imaginário de um antagonismo possível seria considerar o vírus (do latim: veneno) como o bandido, o vilão, o inimigo. E a cidade como o mocinho, o protetor, o amigo. Nessa lógica ficcional, a cidade seria constituída de duas partes: a casa (o abrigo, o lugar seguro) e o resto da trama urbana a segunda parte, todo o resto, onde está o bandido. É lá que mora o perigo.

Como ajudar o mocinho a 'pegar' o bandido? Seria possível apenas se preparar, se abrigar ou existem formas de contra-atacar de dentro de casa? Ou será preciso ir ao seu encontro, confrontá-lo nas ruas? Uma cidade como Madri, que já enfrentou o bandido, está vencendo e chegará na Primavera possivelmente livre do perigo: compuseram um belo hino, "Volveremos a brindar", cantado por Lucia Gil, que conchama a todos para uma nova vida, depois da pandemia. No Brasil, não bastasse a situação de pobreza e ignorância que agrava o problema, o doidão se alia ao 'veneno', encontra uma forma de afastar o grande mocinho da história, o Mandetta, e desqualifica-lo através do mau exemplo de cumprimentar puxa-sacos. Na sua patética desordem mental, detona o outro mocinho, o juiz Moro, penúltimo ícone de sua nefasta vitória eleitoral. Talvez por inveja do brilho que não possui ou, pior ainda, para proteção das 3 crias aritméticas: 'e daí?'

O diabo [está] na rua no meio do redemoinho (Guimarães Rosa). Mas como a cidade pode enfrentar esses Leviatãs? Batendo panelas? Com que feitio ela pode vencer a conjunção de doença e debacle democrática? A cidade do módulo contemporâneo, científico, compacto, multiuso, que a todos cadastra e vigia, protege e educa, previne e corrige, um habitat integrado à natureza e à moradia, aos trabalhos e prazeres do dia a dia, tudo chegando ao habitáculo? Ou a cidade dos logradouros independentes, integrados, autossustentáveis, com gestão própria mas se comunicando com os condomínios aos quais dá acesso?

As administrações condominiais adquirindo um status político que lhes foi negado até agora mas cuja configuração deve ser recriada, superando a incompetência e o amadorismo tradicional muitas vezes aéreo e preferencial, de síndicos desqualificados? Uma cidade 'smart' com todas essas variáveis reunidas?

A inteligência das coisas já demonstra possibilidade de nos preparar para um futuro onde a estrutura urbana pode e deve ser repensada.

Se o vírus falasse para suas vítimas, seria como o marginal quando assalta o homem de bem; ele grita: 'perdeu' e lhe toma coisas e dinheiro; a covid lhe toma a vida. No entanto, a notícia é neutra, não desqualifica o vírus nem o marginal. Por que não? Ambos são execráveis, são os inimigos, tanto o assassino humano como o biológico e mereciam pelo menos um esgar de nojo, 'vencem' a guerra contra o homem. E é uma guerra de extermínio, ninguém mais se iluda, somos nós ou eles. Se vencermos esse vírus, ele virá mais letal alguns anos depois.

Esses leviatãs matam pelo despreparo da cidade, por tudo que isso possa significar e representar.

## Sinais do terceiro milênio

**Yvette Amaral**

Professora universitária  
[yvettelesomasamaral@gmail.com](mailto:yvettelesomasamaral@gmail.com)

Demos um retrocesso no tempo e nos situemos no fim do século XX, quando uma onda de medo se levantou entre os homens, anunciando um fato registrado como o "bug do milênio". Seriam problemas que ocorreriam nos sistemas informatizados, provocados por erros em determinados softwares e que trariam enormes danos para a informática que dominava a cultura mundial. Enterramos 1999 e nada aconteceu. Felizmente foi uma errada acontecimento.

Pouco tempo durou a brisa do otimismo. Em 11 de setembro de 2001, a humanidade é tomada novamente de pânico, não por uma previsão sinistra, mas pela realidade de uma tristíssima tragédia. Pela TV, pessoas do mundo inteiro assistem à destruição das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e parte do Pen-

tágono, em Washington: são destroçadas por três aviões, deixando como saldo mais de 5.000 mortes. Muitos informativos, investigações por órgãos gabaritados, e todo o planeta estremece diante do ato de terrorismo. Os povos se sentem fragilizados na sua confiança em um futuro melhor com o advento do século XXI.

Ainda os terráqueos não se recuperaram do 11 de setembro, e a economia grita em 2007-2008, com a crise do sub-prime americano. Como os dólares são a locomotiva dos negócios mundiais, muitos países se ressentem com a quebra em dominó de bancos grandes e pequenos em vários lugares.

Recentemente outro fantasma convulsiona a terra: a Covid-19 que já encharcou, com lágrimas, o solo de todos os continentes. Lamentavelmente sofremos as dores de tantas famílias mutiladas com a perda de filhos, amigos e idosos cuja morte foi antecipada por esse flagelo universal. A ciência, orgulhosa de tantas vitórias, ainda não tem remédio ou vacina para essa impiedosa patologia.

Os que leem a história com espírito crítico, encontram nos episódios citados apelos a uma reflexão sobre esses sinais do terceiro milênio capazes de motivar profundas mudanças na vida dos homens. Há décadas, diante do progresso em crescimento exponencial observado, em múltiplos setores da atividade humana, descontinua-se um futuro de muitos frutos nas colheitas de todo o mundo. Contudo tem havido descontinuidade no processo histórico, por conta desses fenômenos surpreendentes, no calendário atual. Quem imaginava que nessa altura do tempo a humanidade, dispondo de tantos recursos sanitários, presenciasse uma pandemia com os números da Covid-19? Passou pela cabeça de alguém a necessidade de um isolamento social que forçasse crianças a assistirem aulas virtuais, o que contraria a aprendizagem infantil?

Que as lideranças parem, pensem, busquem e encontrem novas rotas para a humanidade. Carecemos de soluções mais simples, porém mais adequadas à natureza